

NOMEANDO LUGARES: AS CIDADES ESTELARES NALENTE DO TELESCÓPIO INVERTIDO

Naming places: star cities through the lens of the inverted telescope

Hugo Trevizan Paggiaro

Graduação em Licenciatura em Geografia pelo Instituto de Geociências (IG) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Saúde Coletiva, área de concentração Epidemiologia, pela Faculdade de Ciências Médicas (FCM/Unicamp). Trabalhou no Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR), na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/Unicamp), em Treinamento Técnico 4 (Bolsa FAPESP). Doutorando em Geografia, área de concentração Análise Ambiental (IG/Unicamp), Brasil
hugopaggiaro@gmail.com

Eduardo Marandola Jr.

Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Coordenador do Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR/FCA/Unicamp), Brasil
eduardo.marandola@fca.unicamp.br

Recebido: Dia Mês Ano

Aceito: Dia Mês Ano

Resumo

O artigo discute um método de mapeamento fenomenológico, a partir da nomeação dos lugares em sua linguisticidade. Baseado na experiência e na inversão do ponto de vista do mapeador, a toponímia e os mapas são problematizados em sua não-representatividade, apresentando o movimento irruptivo de emergência dos lugares como hermenêutica.

Palavras-chave: Mapeamento; Hermenêutica; Toponímia.

Abstract

This paper discusses a method of phenomenological mapping, based on the naming of places in their linguisticity of understanding. Founded on experience and the inversion of the mapper's point of view, toponymy and maps are problematized in their non-representativeness, presenting the irruptive movement of the emergence of places as hermeneutics.

Keywords: Mapping; Hermeneutics; Toponymy.

1. INTRODUÇÃO

O problema da nomeação é um tema fenomenológico e hermenêutico que remonta à relação palavras-coisas e às representações. Heidegger (2012) o considerou crucial no seu entendimento da relação com a verdade enquanto desvelamento-velamento, entendendo-o como processo de doação de sentido: irrupção e emergência.

Gadamer (2015), em sua obra “Verdade e método”, lida com o tema a partir da centralidade da linguisticidade, enquanto meio no qual a existência se dá,

hermeneuticamente. A experiência hermenêutica tem relação direta com a questão da nomeação, que implica uma dada maneira de relacionar-se com a tradição, como mundo histórico, no movimento dialético do círculo hermenêutico como criação situada no presente.

Nessa tradição, nomear não implica em um ato de representação metafísica, mas uma emergência de sentido, topológica e relacional, como vemos na construção de mapas e mapeamentos. Nomear lugares e marca-los em um mapa é reconhecer sua existência e perenidade ao longo tempo – não apenas como extensividade, mas como experiência intensiva da geograficidade.

No entanto, os processos de mapeamento estão centrados na observação do presente, com as lentes do mapeador direcionadas para o espaço extensivo. Neste artigo, propomos inverter o ponto de vista do olhar, partindo da experiência hermenêutica de nomeação dos lugares por aquilo que eles demarcam e ocultam. Este método cartográfico, de base fenomenológica e hermenêutica, apresenta cidades estelares a partir de um telescópio invertido, como possibilidade de nomeação não representacional do geográfico.

2. A PRIMEIRA FORMA – O PRIMEIRO MAPA – NOME – PARA ONDE OLHAR

A primeira imagem (Figura 1) é gerada a partir de luzes propagadas há 180 anos. Chegamos a configurar o telescópio para apontar na direção dessa área do atual sistema de coordenadas computacional por causa de registros em documentos (Heflinger, 2016; 2017), no qual é nomeado Limeira, um povoado existido em 1839.

Nos documentos estão registradas as histórias das primeiras vontades das pessoas que construíam esse núcleo, essa primeira aglomeração, materializada em suas construções comerciais, responsáveis por gerarem fluxo para o seu interior e em seu interior. O contínuo crescimento dessa aglomeração, ao longo do século XIX e início do século XX, também está registrado nos mesmos documentos e demonstram que o seu núcleo, de atração comercial, se transformou, tornando-se industrial ao longo do período.

Foi observando os desenhos, fotografias e relatos desses documentos (Heflinger, 2016; 2017) e comparando-os com as construções centrais (Lynch, 1997) do lugar onde moramos, o caminho por onde entendemos que a população e nós, enquanto população, apontando o que é central aqui – que de certa interpretação/maneira, delimita, por sua vez, o que é o aqui – que, então, tivemos a intuição de que se tratava da mesma posição, entre as infinitas posições de um sistema de coordenadas. Assim foi que escolhemos, então,

apontar o Telescópio Invertido para a posição onde moramos, pois parece ser o mesmo do lugar que era tratado nos documentos (Heflinger, 2016; 2017).

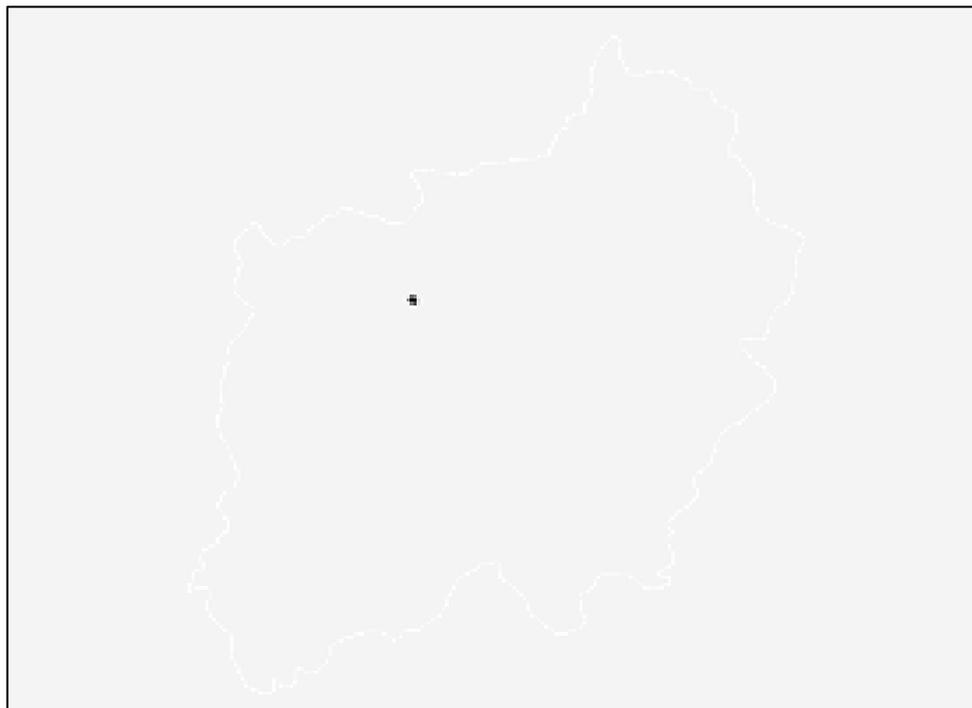


Figura 1 - Imagem do núcleo: luzes de 180 anos atrás

(Em preto: é o núcleo da aglomeração, formado pelas construções existentes em 1839 (HEFLINGER, 2016; 2017); em branco: o município de Limeira, identificado como o município que engloba o núcleo; Fundo cinza.

Mas é possível que todas as aglomerações humanas consigam sobreviver depois de 180 anos? Juntando os pensamentos. Em 1839 (data da primeira imagem; Figura 1) não havia coordenadas geográficas computacionais para imprimir por cima daquela aglomeração que pudesse, hoje, ser, então, utilizada como prova de que onde vivemos agora é a mesma posição. Mas essa constatação parece estranha de ser feita, pois parece ser uma obviedade que nem de longe passaria perto de uma inquirição científica. No entanto, parece ser importante tratar que a intuição que preenche a palavra Limeira é exercida pelos mesmos nomes durante 180 anos, sendo essa a constatação que nos fez proceder em acreditar, após ter encontrado o núcleo (Figura 1) pelo mapeamento das construções, que cada nova construção que apareceu criassem rotas até esse núcleo, em que pese, nesse núcleo, tanto a necessidade de um centro comercial para afazeres diários das pessoas dessas novas construções, bem como seus empregos, muitos deles tornando-se industriais (Heflinger, 2016; 2017) ao longo de sua expansão da aglomeração, como a centralidade que esse núcleo exerce na elaboração de suas histórias sobre o local onde todos moram. Então, o núcleo exerce função tanto comercial e industrial, quanto simbólica.

Outra estranheza que a obviedade dos nomes que em conjunto preenchem Limeira há décadas, anunciado como uma experiência científica nesse texto que busca um mapeamento das cidades que existiram nessa localização, é a pergunta-contraste: que importa saber se este aglomerado humano, onde vivemos hoje, está na mesma posição daquele, dos registros das primeiras construções? Importa, para esse estudo, é que os nomes em conjunto revelem uma posição que seria esperada, revelada apenas por um sistema de coordenadas, segundo a consciência técnica contemporânea. No entanto, é revelada pelas histórias das construções centrais que carregam o sentido do que é essa aglomeração que cresce desde quando surgiu o povoado. Um posicionamento topológico, portanto.

É interessante perguntar-se para que uma coisa serve. Nesse texto essa servidão, como finalidade, apareceu com a frase “que importa saber”, no parágrafo anterior. Não parece que essa pergunta seja justa para a Arqueologia, pois as conjecturas e a posterior revelação de que um sítio em escavação é um aglomerado humano correspondente a um punhado de documentos que não foram enterrados e estavam nas mãos dos cientistas, seja a própria atividade essencial dessa ciência. Esse punhado de documentos que não foram enterrados pelo solo revela a existência de um lugar sem posição. Cada sítio arqueológico guarda a possibilidade de reencontrá-lo num mundo onde não há um ser humano que repita os mesmos nomes que em conjunto revelariam sua posição.

Mas para a Geografia parece ser estranha a busca pela posição, mas não para toda ela, somente para os geógrafos estruturados em fazer de toda a superfície terrestre pertencente a uma linha do tempo apenas. Nós, com a busca de outras cidades nesse estudo, queremos trazer, por meio da cartografia, outras cidades que poderiam ter tido forma por entre essa grande aglomeração crescente.

Por que, então, não se pergunta onde está Limeira? Porque ela continua sendo revelada pelos nomes que em conjunto a endereçam a uma posição na superfície. É como se aquela, de outrora, e essa, de agora, fossem partícipes da mesma história, ainda. Mas somente para aqueles que colocam tudo numa mesma linha do tempo. Nesse estudo busca-se mapear onde talvez tenha existido uma centralidade de histórias que não aquela contínua e contiguamente endereçada à da grande aglomeração radiante a partir de seu núcleo, mas sim geografias menores e resistências (Oliveira Jr., 2009; 2010) que cintilaram em algum momento.

Se há importância, portanto, nos nomes que as pessoas dão ao conjunto de sua aglomeração humana, é porque revelam a posição dela na superfície terrestre e também

porque revelam um mesmo sentido histórico de todas as narrativas pronunciadas por seus viventes. Tendo, todavia, essencialidade o pronunciamento dos mesmos nomes, deve o seu oposto também ser importante, ou seja, escondê-lo, pois revelaria a quebra da contiguidade consciente e histórica. Busca-se a posição de grupos Guaranis (Gaulier, 2002), ou da cidade colonial espanhola Villa Rica Del Espíritu Santo (Parellada, 1998), atual Fênix (PR), sem que se questione para que serve essa busca, porque a trajetória percorrida pelos nomes pronunciados pelos seres humanos na superfície terrestre deixou de confessá-la em sua posição. No entanto, ainda se busca onde ela está em sítios arqueológicos, porque faz parte do modo de ser humano uma linguisticidade (Gadamer, 2015), que nos leva a preencher com superfície terrestre as palavras entoadas, se não elas ficam soltas por aí, sem posição, sem sentir a gravidade que sentimos. Queremos doar gravidade terrestre às palavras. É como se os nomes que as pessoas professam confessassem uma posição, seja ela numa coordenada geográfica, porém esquecida, seja abrindo um lugar dentro do que não é mais dito, inominável.

Existem outros tipos de nomes que parecem ter perdido sua origem em referência à superfície terrestre, como aquele que nomeia os nascidos em uma determinada cidade. O gentílico da cidade do Rio de Janeiro exemplifica bem o caso: carioca, não janeirense. Carioca é o nome de um rio (Carioca, 2013), informação ignorada por boa parte de sua população, que não carrega o gentílico com a referência gravitacional apoiada na Terra, mas sim como os nascidos no município. Mas a ausência dessa conexão carrega consigo o esconderijo no qual os cariocas colocaram o rio que lhes dá nome, seja ensinando a todos o seu nome somente como uma ferramenta da língua portuguesa (adjetivos pátrios), como uma espécie de legenda/descrição que acompanha os nascidos no município (falando que nasceram no Rio ou quando o sotaque denuncia), seja por enfiar o rio no meio do abandono, entre o lixo, o mal cheiro e o concreto, pois se o Rio Carioca ainda resplandecesse o céu e apoiasse as suas margens na cidade, ainda poderíamos ter a possibilidade da ciência/conhecimento da origem do nome, e apontá-los, os habitantes dali, habitualmente como os que nascem próximo ao Rio Carioca.

Outros tipos de nome apresentam outros tipos de esconderijo. Esse terceiro é diferente do primeiro, que se escondeu no não mais dito, diferente do segundo que se escondeu da paisagem, pois esse terceiro foi uma escolha escondê-lo. Diferente do primeiro caso, em que a linhagem de nomeação morreu, do segundo, em que as políticas públicas permitiram encobrir a identidade terrestre do nome. Neste terceiro caso a decisão de esconder a origem ainda é fenômeno, por mais trágico que seja, ou seja, participa da

consciência de vida de alguém ainda vivo, que decide por longo tempo ainda hoje esconder o nome e a origem do nome. Em vista disso, ainda que pudesse ser pronunciado e participar da consciência de identidade com a Terra e participar da história desse país, sua fronteira, até o esconderijo no qual foi metido, entre o dito e o não dito, entre o apontado e não consciente, é o que mostra a história da identidade nacional, no qual o diferente do progresso deve se calar, os mortos devem se contentar e os diferentes devem se ajuntar ao comum. É o caso dos povos indígenas no Brasil, cuja ancestralidade é vilipendiada, pelo receio do esbulho, pela aflição da negação e da violência. Esta é uma das marcas de nosso processo colonial, que nos legou a decisão pelo ocultamento, entremeado na miscigenação, que provocou a negação do rosto e do reconhecimento (Lima, 2019). Quantas pessoas e núcleos familiares passaram por este (auto)silenciamento, que apaga o nome indígena, mas não pode apagar a manifestação do corpo-terra que emerge na corporeidade deste modo de ser.

Isso nos remete à avó no quadro de Modesto Brocos, de 1895, que agradece aos céus a bênção do nascimento do neto com pele branca (Figura 2). Em ambos os casos, o racismo opera na negação do outro. As novas vidas que nascem deste flagelo são guardiãs daquilo que não deve ganhar nome nem voz, absorvidas que foram as suas origens para que estruturas sociais maiores continuem sendo apontadas para o centro, como o elixir do progresso: as cidades, o lugar de seus homens, o comum.

É exatamente a negação do outro que se opera quando fazem a tela coincidir com uma postura favorável ao branqueamento da população brasileira do início do século XX, fazendo-a operar em uma visão eurocêntrica da centralidade política e moral do mundo. Por entre várias polêmicas (A Redenção..., 2024), a nossa interpretação da tela encontra mais lastro na pintura de Gênero (Pintura..., 2024), em que se retrata a vida cotidiana das pessoas e no Realismo social (Realismo..., 2024). Por isso, enquanto algumas pessoas passam a vida tentando justificar sua existência no moto continuo divino, como descrito nas polêmicas (A Redenção..., 2024), outras, como a avó, estão agradecendo a camuflagem da própria história, sabendo que estando por aí no mundo dos que ao lado tem Deus, é melhor passar despercebido. A tela é agressiva devido à perda de si, da própria identidade de avó-berço da história.

As aglomerações humanas que ganham conjuntos de nomes para se auto-referenciarem por longos períodos escondem outras histórias, outros nomes, outras linhagens, outras regiões, outros lugares que desaparecem conforme as mesmas histórias de algumas mesmas construções são apontadas pelas consciências como representantes

da aglomeração comum, da aglomeração maior, que cada vez cresce mais, atravessa com seus fluxos, trazem e levam a mesma história, os mesmos objetivos, cada vez que transformam terra em construções de concreto (lado esquerdo e direito da tela, quadro da Figura 2) e as conectam ao centro. Estariam essas outras possibilidades de agrupamentos perdidas no meio da aglomeração maior? Guardariam elas outras histórias? Seriam elas cidades democráticas, livres, ao valorizarem seus próprios conterrâneos por meio de histórias gestadas ali dentro, antes de serem atravessadas por obras e objetivos da aglomeração maior, mesmo que seja por um curto período? Quanto tempo é necessário para essas histórias serem gestadas? Qual espaço é necessário para que criem uma centralidade própria?

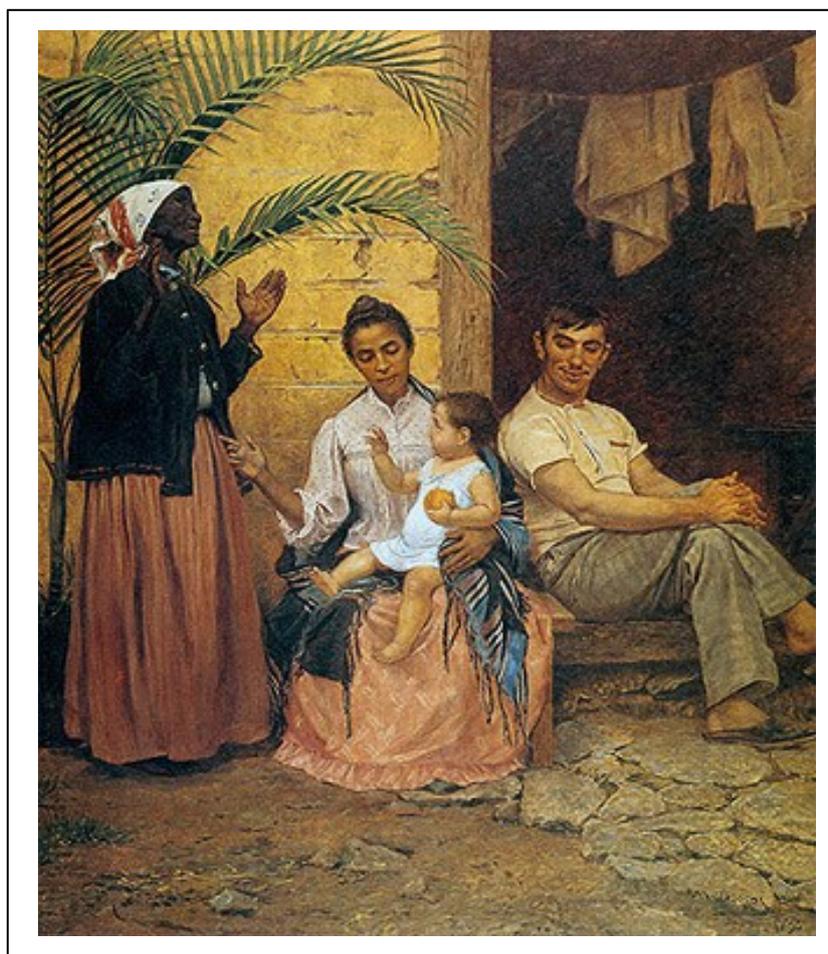


Figura 2 - A redenção de Cam

Modesto Brocos, 1895. Pintura a óleo sobre tela.

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>

O que as próximas imagens tentam apontar são formas que de dentro da aglomeração humana puderam ser cidades de acordo com os ajustes que nossa visão telescópica pôde nos oferecer.

3. SEQUÊNCIA DE IMAGEAMENTOS – PREPARAÇÃO DAS BASES – MÉTODO CARTOGRÁFICO – ESTILHAÇAMENTO – EMERSÃO DA FORMA – FOGO INICIAL

O primeiro passo, portanto, foi destituir do título Mapa da Cidade, no caso, de Limeira, o apontamento de sua grande forma que lhe preenche de significados históricos contínuos, bem como sua fronteira administrativa colonial-imperial e republicana, numa atitude fenomenológica na qual se mantém a identidade daquilo que a cidade guarda, sua essência, que é uma forma, mesmo depois da *epoché* (Husserl, 2006; 2013), e que aparece em imagens conforme a solicitação do Ser, como são mostradas nas sequência de imagens 1 e 2 (Figuras 3 e 5).

Porém, ao se enveredar pela busca de formas que não existem, que não nascem com nomes, perguntando-nos onde estão estas cidades, os traçados de cidades de outras histórias, a cartografia temática poderia nos ajudar com seus softwares e procedimentos, mas não com uma base cartográfica classificada, pronta para download, pois não tínhamos a forma/extensão destas cidades para que pudessem ser pintadas segundo uma classificação. Elas ainda teriam que ser encontradas para serem nomeadas posteriormente. Foi o que tentamos fazer neste trabalho.

Para isso, nos inspiramos na metodologia da Astronomia, ciência especializada em encontrar objetos espaciais segundo reações de sensores, conhecida como técnica do trânsito, pela qual exoplanetas são identificados quando passam em frente à estrela que gravita (Fukui *et al.*, 2016; Potentially..., 2016), diminuindo seu brilho. Ou seja, seria possível, inspirados nessa metodologia, criar um procedimento cartográfico para identificar onde algum objeto está quando um trânsito aparece, reduzindo o brilho daquilo que está por trás, para um observador que utiliza o Telescópio Invertido.

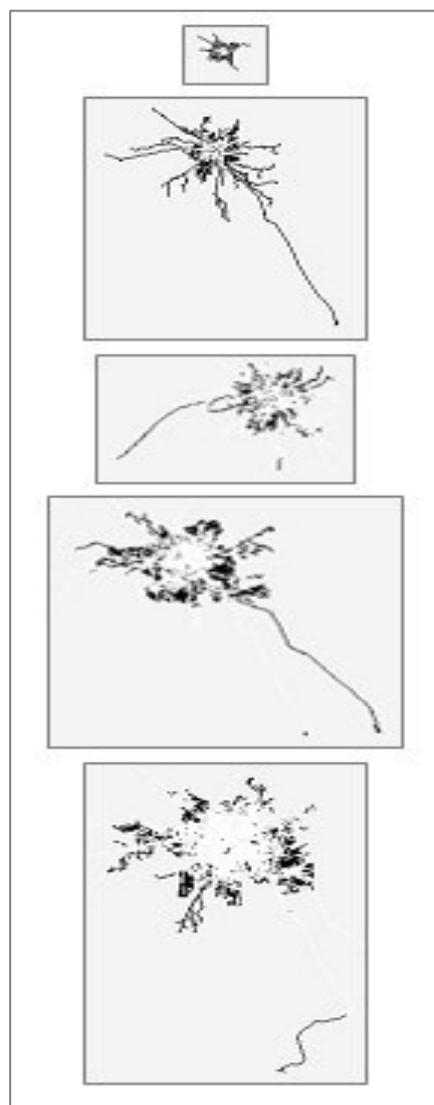


Figura 3 - Sequência de imagens 1: Os novos fluxos
As imagens mostram os novos fluxos, formados pelos limites de intervalo, de cima para baixo: 1876, 1937, 1950, 1970 e 1980

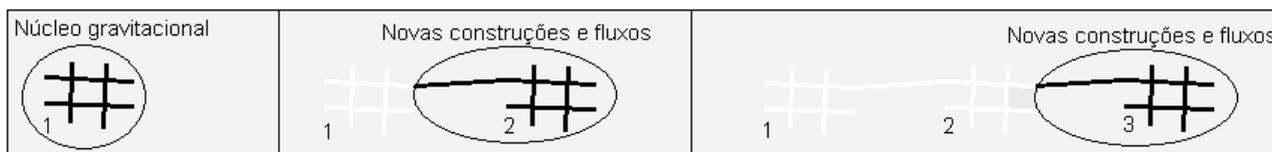


Figura 4 - Método Cartográfico para o registro dos novos fluxos, segundo intervalos da Figura 3 Como surgiram as imagens da Sequência 1 (Figura 3). Mapeado: em cor preta, apenas os novos fluxos (2; 3) até o núcleo (1), segundo cada período da Figura 3; na cor branca, todos os fluxos existentes anteriormente ao período considerado sendo registrado. Os fluxos foram criado no ArcGIS Network Analyst e partem do local e data das construções, extraídas da base cartográfica do IPTU, de 2014, e se dirigem ao núcleo; Fundo cinza. Lê-se: na cor preta estão apenas os novos fluxos até o núcleo de um intervalo.

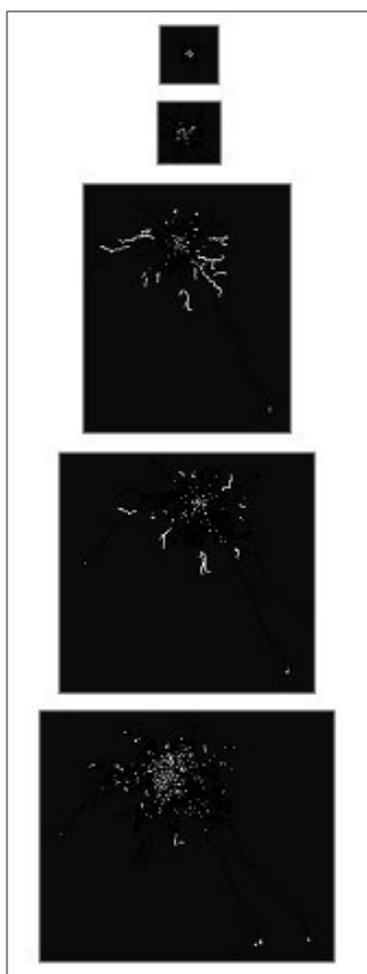


Figura 5 - Sequência de imagens 2: reconhecendo os locais não afetados pelo fluxo

As imagens apresentam os locais anteriormente fundi-dos a aglomeração maior e que não foram afetados pelos fluxos do intervalo posterior (de cima para baixo, em 1876, em 1937, em 1950, em 1970 e em 1980)

Assim, acompanhou-se a aglomeração que ganhava forma ao redor do núcleo inicial de 1839 (Figura 1), segundo os passos indicados anteriormente, até 1980, a partir de cinco observações posteriores a 1839 (Sequência de imagens 1, Figura 3), imageados segundo o Método Cartográfico (Figura 4). Na Sequência 1 são mostradas as novas rotas até o centro, as quais são percorridas pelas pessoas e pelas histórias das novas construções de cada intervalo. Cada intervalo é limitado pelo ano posterior ao imageamento anterior e pela data dele próprio.

Interprete que rota tem um destino certo a partir de onde nasceu. Cada imageamento da Sequência de imagens 1 (Figura 3) são as novas construções anexadas a aglomeração anterior e inicialmente instaladas por algum motivo dessa aglomeração maior, anterior, que exerce centralidade de tráfego e de histórias nos anexos (as novas construções). Essas histórias, trazidas do centro maior para os anexos, bem como o fluxo de pessoas do centro para o anexo, e vice-versa (órbitas, fluxos), criam o trânsito (Figura 6) nos locais anteriormente novos (construídos em período anterior).

Posteriormente, com o passar dos anos (um intervalo entre duas observações), podem eles mesmos (cada anexo, ou melhor, os anexos constituindo a forma da grande aglomeração) gerarem histórias próprias, a partir de uma centralidade local própria, no entanto, se forem atravessadas pelo trânsito de outro anexo em período posterior, tal gestação pode ser interrompida

ou não. É o que mostra a Sequência de imagens 2 (Figura 5): os locais que não sofreram trânsito ou novas construções.



Figura 6 - Método cartográfico aplicado na sequência 1 (Figura 4) e que faz surgir a sequência 2 (Figura 5)

Lê-se: a cada novo fluxo (segundo intervalos da sequência 1) que é inserido como camada em ambiente ArcGIS, faz com que eles atravessem (então chamado de trânsito) a aglomeração existente para chegarem ao núcleo, os locais não afetados por trânsitos podem vir a ser cidades, conforme ajustes posteriores do botões do Telescópio Invertido. Trânsito são fluxos até o núcleo que atravessam o que já existia. Procedimento cartográfico aplicado nas imagens da Sequência 2 (a) que permite o reconhecimento de cidades. Mapeado em (b): na cor preta: novos fluxos, trânsitos ou trechos que não se constituíram cidades, conforme ajuste telescópico; na cor branca: possível cidade; fundo cinza escuro.

Nem tudo que restou sem modificação (cor branca na Sequência de imagens 2, Figura 5), no entanto, é cidade. Para se constituírem como tais, outras características devem ser observadas em cada concentração de cor branca. Tais características são aquelas que podemos ajustar em nosso telescópio, as quais tiveram em essência o nascedouro na experiência de se responder à pergunta “que é esse lugar?”, “que é essa cidade?” (Marandola Jr., 2008), indo à campo.

4. AJUSTE TELESCÓPICO – BOTÕES (VARIÁVEIS) – EXPERIÊNCIA EM FORMA

A retirada do artigo “o” da pergunta naturalmente verbalizada (“o que é cidade?”) nos abre à comunhão com aquilo que se apresenta imediatamente à experiência travada intuitivamente e em campo (Oliveira, 1999; Marandola Jr., 2008), sendo esta pergunta, “que é cidade?”, uma abertura para o fenômeno e, sendo este, constituído por recordação, imaginação, projeção de futuro, palavras, retratos e símbolos (Sokolowski, 2012).

Inclusive criações, que seriam aquilo que da arte fílmica aparece como possibilidade metodológica para a Geografia (Queiroz Filho, 2009) ao participar da resposta “que é...?”, que nem por um instante se abrevia em sua representação contida no “o”. Aliás, aquilo que aparece representando o nome, nesse trabalho, a terra sob um título, já é o que deveria ser extraído da configuração da imagem que o nome cidade conjura a manifestar-se presente (recordação) numa abertura primária ao fenômeno, que seria perguntar sobre o nome antes da experiência.

Assim, é uma saída da atitude natural (Sokolowski, 2012), dentre tantas bifurcações, o abandonar a forma terrestre que o título cidade toma posse em nossa consciência. É perceber que o exercício de descrição que Husserl (2013) realiza participa de nosso juízo do que deveria aparecer como cubo quando pensamos em um cubo, mas agora pensando uma cidade. Quando penso “cidade”, alguma forma aparece. É isso que devemos abandonar.

Porém, sem deixar que sem forma permaneça, pois, embora possamos realizar a *epoché* da cidade, a começar pelo seu nome e pela sua forma terrestre, a identidade daquilo que pensamos não pode ser reduzida, pois deixaria de ser o que pensamos, neste caso, a cidade continua tendo forma. Abandonamos sua forma para deixar que a pergunta “que é cidade?” provoque uma experiência fenomenológica da cidade. Esta surge, em nosso caso, por ferramentas cartográficas (como possibilidade artística/hermenêutica de fazer nascer uma forma) como possibilidade metodológica para ajustar nosso telescópio por meio da experiência da imagem, da imaginação, da arte, da fantasia, das memórias, das lembranças e dos sentimentos, portanto, um fenômeno, sem que se volte a ocultar sua essência, mas também não permitindo que um título a possua. Cada forma que aparece ao cartografar dessa maneira ganha a própria força de sentido ou de busca dele, como pode já ter nascido em nosso leitor ao observar as Sequências de imagens 1 e 2.

Dessa maneira, procedemos com a elaboração de botões (características; variáveis para o procedimento *query* cartográfico) em nosso sensor (telescópio que se afeta com luzes vindas do passado) embasados nas características que a experiência daquilo que é cidade

a partir da perspectiva fenomenológica, [pois assim] podemos obter a terminologia correta para falar do mundo [no caso, da cidade da atitude natural colocada em *epoché*, que ganhou o termo aglomeração] como o contexto para a manifestações das coisas [as aglomerações menores, cidades, em nossa terminologia de pesquisa] (Sokolowski, 2012, p. 59).

Mirado para o passado, o telescópio, ao nos trazer luzes aglomeradas (Sequência de imagens 2, Figura 5), queremos saber, de acordo com a experiência de que é cidade, quais dessas aglomerações de luzes contemplariam uma experiência cidadina conforme nossa experiência atual do trânsito com a aglomeração que vivenciamos; é o trânsito que nos leva ao passado, pois as cidades já desapareceram (como veremos); juntamente com a ferramenta cartográfica.

No entanto, retirando o título de cidade (mundanês*) “como uma grande entidade ou como a soma de todas as entidades” (Sokolowski, 2012, p.59). Portanto, tentaremos procurar as cidades que já existiram nessa aglomeração maior (transcendentalês, que deixou de ser /a/ cidade), a partir das luzes conservadas pelo tempo (Sequência de imagens 2, Figura 5). Para que, então, sejam consideradas cidades, buscou-se que a experiência com a aglomeração liberasse a possibilidade de se refletir numa outra forma, respeitando a essência de que cidade nunca deixará de manifestar-se em alguma forma, no entanto sem que seja a anteriormente intitulada. Assim, cada botão, variáveis para a ferramenta cartográfica, reflete uma essência após a redução da experiência na aglomeração.

Tendo disponível as luzes fotografadas em cada intervalo (Figura 5. Sequência de imagens 2), tentaremos mostrar nesse item as experiências que elaboraram os botões do telescópio, que ajustados procuram as cidades em cada observação. Cada experiência, sendo elas, a alteração de uma rua de uma aglomeração menor, um filme e um cemitério, que apresentadas nesse item entrelaçadas entre os objetos e as narrativas por entre os objetos, tentaremos mostrar como extraímos o jeito de olhar para então programar a mente/o software para procurar as luzes que respeitaram nossas condições daquilo que é cidade.

Botão 1: Trânsitos. Experiência: porque o trânsito limita a cidade – As instalações e os fluxos/rotas

A experiência de crescer em uma aglomeração maior, por diversas vezes revelam os trânsitos. A Figura 7 compara duas paisagens de uma mesma rua, uma do ano de 2011 (b) e outra de 2019 (a), para mostrar a quantidade de atividades que se inserem em um trânsito, com repercussão na vida das pessoas dali que passam a ter que lidar com o trânsito da aglomeração maior. As pessoas que ali mor(av)am, ao terem que lidar frequentemente com as instalações do trânsito, acabam elas próprias criando novas histórias onde as instalações participam ativamente, e, assim, concedem legitimidade ao trânsito a partir de algum ganho com ele. Já aquelas histórias que, pelo contrário, acabam não vendo ganho

* Em Sokolowski (2012, p. 67) lê-se: “Quando entramos na atitude fenomenológica ou transcendental temos de fazer modificações apropriadas nas palavras que usamos. O novo contexto, uma vez que é tão único, requer ajustamentos em nossa linguagem natural. Vamos chamar a nova linguagem que resulta dessas mudanças de transcendentalês, e vamos chamar a linguagem que falamos na atitude natural de mundanês. As duas atitudes são constituídas pelos tipos de intencionalidades adequadas a cada uma, e as linguagens faladas em. cada uma refletem as diferenças de perspectiva. O estudo das interações entre as duas linguagens, transcendentalês e mundanês, é um bom modo de provocar as diferenças entre a experiência natural e a filosófica”.

algum, passam a ser tidas como as de fora, e são ejetadas dali, assim como os seus ser-narradores e seus interlocutores, pessoas cujas atividades se desempenham ali, muitas delas as quais faziam parte anteriormente desse trecho de rua como possível forma(dora) de uma cidade.



Figura 7 - Trânsito instalado

Legenda: a) retirada das árvores e instalação de placas de indústrias (indica aumento de temperatura, ausência de sombra para pedestres e fluxo frequente de automóveis externos); b) retirada de janela (indica alteração de atividade, possível instalação de ar condicionado, exaustores ou filtros); c) tamanho da porta (indica que mudou a pessoa que morava ali); d) instalação comercial na obra terminada (indica concentração de entrada e saída de veículos); e) galhos das árvores podadas (indica passagem de caminhões); f) alvenaria por cima do portão e teto no quintal (indica busca de segurança, calefação, silêncio, ou instalação de rancho de atividades); g) placas indicando Rotatória e Pare (indica fluxo frequente de automóveis externos); h) retirada da placa indicadora de Dê a preferência (indica aumento de velocidade na via); i) mato envolta da árvore retirado, dando lugar para estacionamento (indica restrição do fluxo na via devido a entrada e saída de veículos que aumenta o perigo e a necessidade de atenção dos motoristas); j) homogeneização entre calçada e estacionamento (indica perda de segurança para o pedestre), k) pintura no asfalto da indicação de Pare; l) faixa amarela de Proibido estacionar pintada na frente do portão e do muro da casa (indica o desrespeito ao local de moradia da gestão da aglomeração; mostra como deve-se morar na aglomeração maior); m) ponto de ônibus na frente da casa (indica as contradições de um lugar que aumentou a velocidade também aumentou a paradas veiculares, tanto do ponto de ônibus quanto dos estacionamentos do centro comercial e das indústrias, além de ter estreitado a via); n) faixa dupla perde a curva e a via estreita-se em direção a casa (Imagens do Google Street View, print screen em 17/08/2020)

Um exemplo, experienciado em campo nessa rua, é o buzinaço das pessoas que ativavam a buzina eloquentemente ao ultrapassarem com o carro, adentrando a via contramão, a pessoa que puxa carrinho de sucata há anos nesse lugar. Este lugar teve duas dessas pessoas com histórias próprias reconhecidas pelos outros dali, inclusive se estabeleciam em suas identidades através dessa atividade em cada rua com casas e com comércios locais que passavam dia após dia contando suas histórias nascidas em outras regiões. Nessa rua, ao virar trânsito, atinge-se uma velocidade veicular mais alta, embora tenha diversos obstáculos para estacionamentos, inclusive as calçadas servindo para isso, fazendo com que se breque mais frequentemente também, além de acelerar mais.

Contraditoriamente, a revolta dos motoristas vem de alguém que desempenha velocidade menor porque puxa o carrinho com a própria força. Mas não só por isso. Por causa também de que quem agora ali está somente passa, não revelando em sua atividade de buzinação a história dali, a da aglomeração menor, que talvez fosse a de cumprimentar os puxadores de sucata, galvanizando a resiliência da sua identidade em sua atividade de trafegar e de ser reconhecido por esta, ou seja, a pátina de um lugar; mas, sim, revela a história de outro local por causa de sua velocidade e irritação; sendo a rua apenas interposto da história do motorista veloz, que o serve como obstáculo ao próprio trafegar, e contada, em reuniões fora dali, com o sentido de velocidade necessária interrompida, a qual a aglomeração maior efetuou em materialidade (Figura 7). Nessa rua trafegam também caminhões e eles fazem manobra no meio da rua para estacionarem dentro das empresas. Os pontos de ônibus que viviam com pessoas indo trabalhar, agora recebem pessoas de outro local, tornando a rua um subcentro das atividades da aglomeração maior, tanto industriais e comerciais, quanto de velocidade e políticas.

Ao conversarmos com um local, ele disse que, apesar do barulho de cedo à noite, era bom as empresas ali instaladas porque, empregado por ali, agora estavam próximas do local que ele mora e que, por isso, não tinha mais que acordar mais cedo para pegar ônibus para chegar no emprego na hora. Isto mostra como a chegada da ação que as novas construções promovem ganham sentidos na história das pessoas, criando lugar onde antes era o nada. Esta interpretação do morador, sugerida em diálogos dentro da aglomeração menor, gera o território das novas instalações, pois as interpretações passam a ser aquilo que em rede aparece articulado dando sentido ao novo poder que provocou tais interpretações, apaziguando o problema de fundo que era o da ineficácia dos transportes coletivos que a aglomeração maior tinha sob sua responsabilidade, e desautorizando qualquer reclamação por parte daqueles que não se beneficiam. O benefício, assim, passa

a ser narrado na aglomeração menor e surge bifurcando histórias antes comuns. A mesma narrativa foi observada em relação as inúmeras câmeras de vigilância instaladas, pois as câmeras adentraram as narrativas com o sentido de trazer segurança, mesmo em um lugar onde não havia o sentido de inseguro, e, assim, chegam fazendo o que não precisa. Portanto, vigiam quem ou o que, afinal? Vigiam o futuro, o comportamento dos transeuntes, ditam uma regra sem ter que falar – o panóptico.

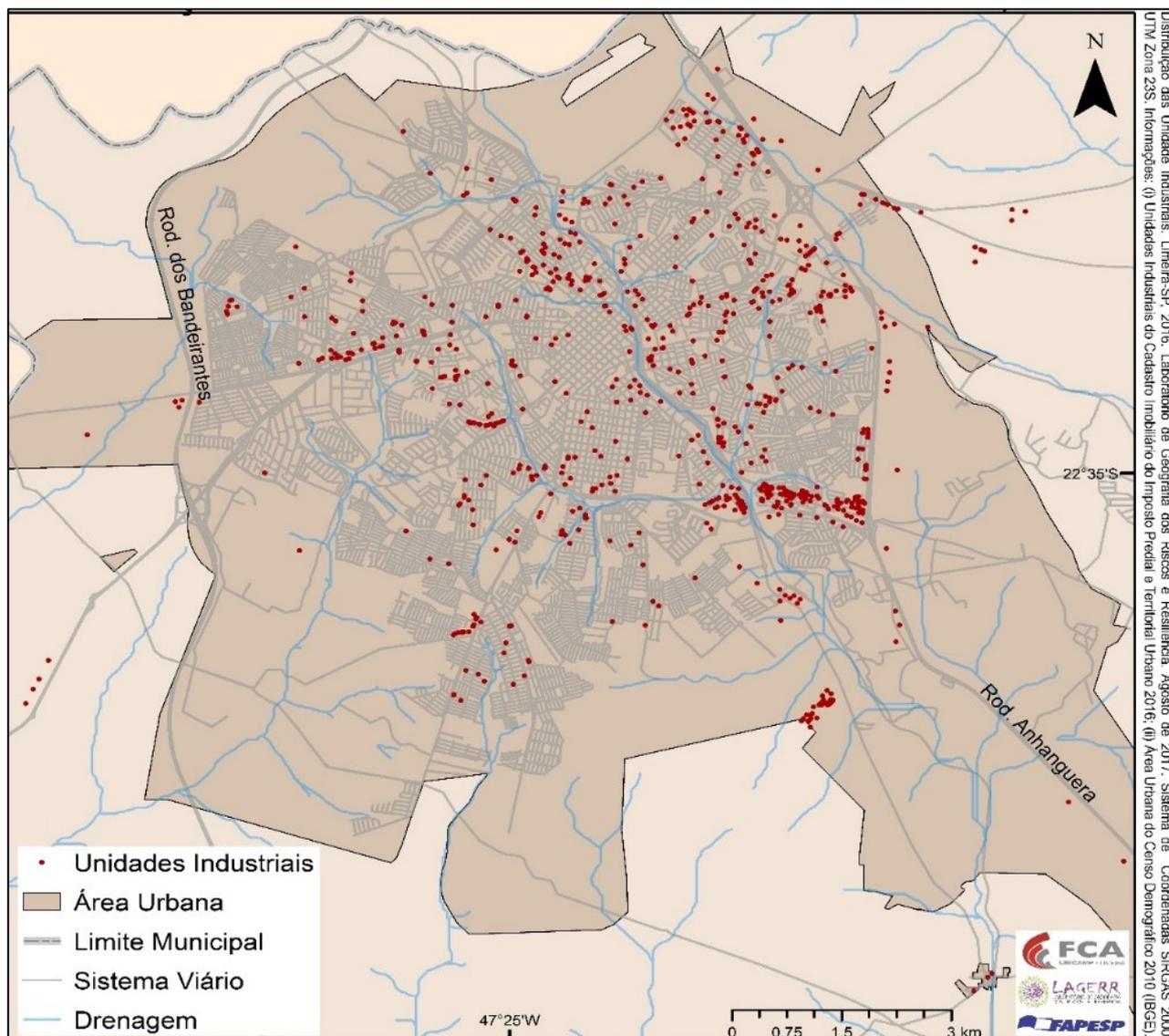


Figura 8 - Distribuição das unidades industriais, Limeira (SP), 2016

Cidade ou parque industrial? A distribuição das indústrias no espaço urbano expressa um ilhamento invertido das localizações não industriais.

Ali (Figura 7) não é perto do local das pessoas que chegam de ônibus agora. E mais, que a aglomeração maior resolveu o problema de parte da ineficiência do transporte coletivo permitindo que as empresas se distribuam por ela toda, sem ao menos planejar que as vias mais largas e novas fossem aquelas que albergariam os fluxos automotores

mais intensos, carros estacionados junto à guia, abrigar locais de embarque e desembarque e pátios de manobra de caminhão e ônibus, sem tanta necessidade de absorção dos impactos de problemas pelos moradores ou motoristas, narradores ou interlocutores, e, no extremo, acidentes, como um caminhão que destruiu duas casas e atropelamentos de cachorros. Sendo assim, algumas partes da aglomeração maior podem virar distritos industriais, porém sem esse nome.

O nosso contraposto dialético ao argumento do morador tropejou, no entanto, o estruturalismo, coisa que não é o escopo deste trabalho. Portanto, vamos conceder espaço a um argumento hermenêutico fenomenológico. Assim, pensemos que aquilo que fez planejar-se este bairro da paisagem (Figura 7) de um trânsito da aglomeração maior seriam os pressupostos de como seria um bairro com infraestrutura urbana (água, energia, iluminação pública, asfaltado, saneamento, coleta de lixo três vezes na semana, linhas de ônibus de transporte coletivo), próximo a rodovias e ao anel viário, com terrenos vazios de construções. Assim como este, também a outros bairros aplicam-se as mesmas características. No entanto, nem todos os bairros com as mesmas características planejou-se virar um trânsito, assim como pode ser observado no mapa do trabalho de Marandola Jr.; Trevizan (2017) (Figura 8). Nesse trabalho é mostrado que apenas algumas áreas da aglomeração maior permanecem endereçadas às mesmas construções e ao mesmo tipo de construções como quando nasceram, enquanto ela toda se torna receptora de alterações, no caso, de indústrias. As áreas em que não sofrem alterações, além de também apresentarem a mesma infraestrutura das outras, já contam com câmeras de segurança, muros, segurança armada e ruas mais largas, que serviriam muito bem para as manobras e estacionamentos de caminhões e ônibus. Ou seja, o que queremos mostrar com esse argumento é que existem coisas não ditas nas correspondências das características às coisas e em seguida ao apontamento de uma área. Argumento que caminha aliançado ao tema deste texto como um todo.

Chegamos ao fim do ajuste do Botão 1 em nosso Telescópio Invertido. Para concluir, este botão, cartograficamente, nos serviu para identificar os trânsitos (ver método cartográfico na Figura 6) na sequência de imagens 2 (Figura 5) como limites não pertencentes as aglomerações menores e, fenomenologicamente, existentes através da experiência da exclusão dos sentidos das histórias apontadas/direcionadas as pessoas e construções das aglomerações menores.

Os desdobramentos da experiência do trânsito em pensamentos cartográficos nos trouxeram a oportunidade de ajustarmos outros dois botões. Um deles, o Botão 2 – Cruzamentos, logo em seguida neste texto, nasceu da experiência da contação de histórias observadas em cruzamentos. Este lugar privilegiado da maneira de existir de um ser narrador e de um ser interlocutor que, a pé, podem existir ao contarem o que se passa na região de onde vieram e que se cruzaram ali, no cruzamento de ruas, após terem comprado pão na padaria, ou durante uma caminhada, ou ainda como local de despedidas após terem tomado um trago no bar ou saído da firma. Este botão, ao contrário do Botão 1 – Trânsito, é positivo, pois não corta espaços, mas nos ajuda a selecionar na aglomeração maior os locais que existem cruzamento para continuarem a serem possíveis cidades que existiram na aglomeração maior.



Figura 8 - O esconderijo de Grace, Dogville
Forma dos logradouros de Dogville, extraída de fotografia aérea (Figura 9).
Em cinza, a única entrada e saída.

Botão 2: Cruzamentos – Experiência: lugar onde nasce a linguagem narrativa

Essa ideia da criação de histórias na bifurcação pela interpretação do benefício vai compor um novo lugar que em rede vira território. Este território, articulado com as instalações e as narrativas, promove identidade local conjunta à grande aglomeração. As outras identidades, menores pois não estão articuladas à centralidade gravitacional da história da aglomeração maior que chegou ali pelo trânsito, são convidadas frequentemente a adentrá-la, no entanto, como o perceber-se fora da centralidade não é uma escolha, pois só é um acontecimento nascido no choque de narrativas e do não benefício direto com as instalações, algumas identidades se tornam perdidas espacialmente caso outra centralidade não apareça em sua vida. Talvez as encontrassem na gama diversa que narrativas em outras aglomerações menores engendram. No entanto, como mudar-se,

após ter a frente da casa pintada com faixa amarela, o silêncio das manhãs retirado, a sensação de estar em casa reduzida a estar dentro dos muros privativos da casa (como corpúsculos da Física, no espaço-tempo newtoniano: cegos, surdos, mudos, intáteis, como se a fome fosse só de comida), a creche transferida para um prédio distante, o terreno de lazer e encontros substituído por instalações do trânsito etc., não é uma opção tão simples para a maioria da população.

As identidades desalojadas podem procurar se alojar no espaço cibernético, porém aí a identidade não se fixa, fato que se mostra em após ter encontrado pessoas semelhantemente desalojadas de sua identidade, acabam por se organizarem para alterar juridicamente a aglomeração maior, o que acaba reforçando com jurisprudência quando não se saem contempladas juridicamente na proposta de uma nova lei, por exemplo alguma que proibiria instalações de trânsito em lugares com mais de dez anos sem novas instalações, ao invés de setenta e cinco anos (idade na qual a construção poderia ser requerida como patrimônio histórico (Wells, 2016)). Mas isso jamais será possível. Já pensou todos os lugares em cor branca da Sequência 2 sendo tombados como patrimônios históricos? Patrimônios da história das vidas das pessoas viventes? Suas identidades de ações e narrativas preservadas pela contiguidade histórico-narrativa de construções-pátinas e ações-pátinas (pátina, de Wells, 2016). Restaria, então, que áreas para o Estado planejar, legislar, existir? Ou, fenomenologicamente: calar? Como a avó de Modesto ou tantos que aceitaram, no máximo, o nome de “descendentes” de indígenas; mutilar?, como médicos fizeram a Herculine Bardin, de Belo Horizonte; incendiar?, como Grace fez com Dogville. Que ações do Estado somos conscientemente (como em Husserl (2006; 2013), aquela que está no mundo) narradores? Quais as justificativas ao sermos questionados? Ou seja, que colocamos em terreno sólido de serem ajustadas à história? Que história é justa perpetuamente, ou, simplesmente, para além da escala de uma vida?

Por exemplo, aquelas construções em que devem passar setenta e cinco anos que nos fala Wells (2016), ou seja, mais que uma vida, para serem consideradas históricas do ponto de vista das instituições do Estado, ou aquelas que no curso único e curto da vida se experienciou elas se desmanchando em sua história narrada ou ancoragens materiais da paisagem, estas sim capazes ininterruptamente de ancorarem identidades (identidade é que é o que vive, e portanto, morre; diferente do Estado que considera como histórico apenas o que se perpetua: ininterrupto é um ciclo de repetição onde cada vida é uma origem de identidade; o perpétuo é abstrato e discurso de Estado) que estariam juntas da escala existencial da vivência do risco (Marandola Jr., 2004), quando são destruídas.

Mas fomos longe na discussão, apesar de se fazer presente quando se quer lograr a constituição de uma forma dentro da aglomeração maior para ser chamada de cidade. A presença de uma forma que ancoraria que é cidade numa forma que não a abstração perpétua desde seu intitamento pelo Estado, passa pela observação de uma imagem que contém uma forma, essencialmente, porém que escaparia do planejar da macro escala, tendendo a observar a escala da experiência (Marandola Jr., 2014) formando a forma (a experiência tendo forma).

Pela linguagem fílmica é interessante o caminho, pois ao ver um filme, aquelas imagens nos remetem a recordações que, sem elas, não o constituiríamos de sentido. Portanto, o filme está em tela, porém está também fora dela (Queiroz Filho, 2009) ao chamar sentidos que o alicerça em significados. Foi o que nos sucedeu ao experienciar a chegada de Grace à Dogville (personagem do filme Dogville, direção de Lars Von Trier, 2004). Ao observar a cidade, ela a mapeia, segundo o sentido de mapa tradicional, onde ela poderia transitar. Ou seja, ela se apossa daquela forma da cidade como aquilo que lhe intitularia como um esconderijo: Dogville, o esconderijo da Grace.



Figura 9 - Vista aérea de Dogville
Cena do filme Dogville (direção: Lars VonTrier, 2004)

Grace desconsiderou que o seu mapa era um lugar. O lugar dos objetos das pessoas. Aquilo que as pessoas manipulam em rede sobre seu poder é seu território (os

objetos de cada casa), e cada um dos territórios tem um lugar (Dogville), onde cada território está cuidado. Grace é o elemento estranho, uma instalação, que chega em Dogville. A partir de um novo planejamento de uso daquele lugar, pois o observou a partir de seu mapa para ser seu esconderijo, os moradores passam a dizer, no primeiro choque com ela, que não precisam que nada seja feito por ela em troca de que fizesse dali seu esconderijo. No entanto, o desenrolar do filme mostra quanta coisa que não precisava ser feita podia ser feita em troca de sua presença ali.



Figura 10 - A decisão de Grace
Cena do filme Dogville (direção: Lars VonTrier, 2004)

O elemento estranho que chega sem sentido cria uma manipulação de objetos diferentes a qual fazem de Grace a centralidade do lugar onde antes cada um cuidava do próprio território. Novas histórias surgem atreladas a presença de Grace, como o esvaziamento da vitrine de souvenirs, comprados por ela, ou a melhoria do jogo do jogador de damas, por ela treinar o jogador. No entanto, o lugar era aquele em que os souvenirs ficavam na vitrine e o jogador de damas jogava mal.

Não é juízo de valor, portanto não é melhor antes ou depois do elemento estranho somente por causa que ele efetivou a teleologia da vitrine tornada vazia ou o jogador de damas ter começado a ganhar, mas pelo contrário, pois a vitrine cheia ou o sempre derrotado jogador não tinham a teleologia que o elemento estranho criou, a vitrine cheia e o mal jogador eram pátinas daquele lugar, e os donos da vitrine e o jogador haviam

escolhido antes que não havia nada para ser feito quando foram questionados sobre a presença do elemento estranho.

A história que se passa no filme nos ajuda pensar o que estamos pensando nesse texto, ao colocar Grace como o elemento estranho que se instala em uma cidade criando histórias, alterando o jeito como as pessoas lidam com os seus objetos, destituindo a centralidade de outros territórios, criando outras histórias.

Fundamentalmente são dois aspectos que consideramos como a formação de uma cidade: histórias com centralidade própria independentes da centralidade das histórias da aglomeração maior e os mesmos objetos dispostos sem instalações novas. Por isso Grace fez-nos lembrar nossa proposta aqui nesse texto para cartografização de cidades. O que acontece com Dogville? É incendiada por uma decisão de Grace, dando fim ao lugar, aos territórios, ao mapa, as histórias, aos souvenirs, ao jogador de damas.

Esse filme nos fez dedicarmos outra atenção para aquilo que não é cidade também, para ser considerado como sentido e para os ajustes dos botões na elaboração de nosso telescópio (Botão 1: trânsito como limite de cidade; Botão 2: uma rua não basta, deve haver esquinas e cruzamentos; Botão 3: ao menos 3 saídas da cidade, onde de uma não se enxerga as outras, e, assim, consolidando as dobras, esquinas, para não ser panóptico e garantir uma fuga). É o fato de que uma rua não basta para ser considerada uma cidade. A centralidade de histórias em Grace depois que nada que não precisava ser feito (nada é necessário são respostas de personagens a Grace quando esta pedia algo para fazer para, em troca, permanecer ali) passaram a serem feitas somente é possível porque a cidade de Dogville é composta de ruas em que todos se enxergam. Aquelas ruas, que antes nunca haviam sido o caminho pelo qual chegava Grace, onde de casa em casa ia para fazer o que não precisava, assim que ela centralizou as histórias ao fazer do lugar do território de cada um, um único esconderijo e centralizando as histórias nela, a rua central passou a ter o sentido de espera, de impaciência, para onde cada pessoa que a esperava destinava o olhar a sua espera. A única rua também passou a ser o de encontros inusitados por causa das coisas erradas que ela passou a fazer, segundo os julgamentos expressados dos que na rua Elm St. se postavam. Julgamentos que não aconteciam antes dela fazer o que não precisava.

Diferentes são os encontros que uma rua qualquer de cidade causam, as cidades onde vivemos, centrais ou menores, não em Dogville, porque são inusitados ao revelarem pessoas ao dobrarem as esquinas, que pelas ruas caminham vindas de outras regiões, que

trazem histórias que nós, ao dispormo-nos a escutá-las, não auferimos a verdade porque não estávamos para aonde se endereçam as histórias.

Passa a ser uma identidade do lugar, onde se encontram pessoas vindas de regiões diferentes, o escutar o outro, e, aquele que conta também tem a identidade de contador de histórias. O que seria o contrário da identidade de contador e escutador de histórias? O julgador de histórias, o líder do panóptico? A partir do momento em que a rua central de Dogville se tornou centro das histórias do que Grace faz, todos passaram a observa-las (a rua e Grace) a partir do ponto de vista de julgadores do que ela faz, que desde o início não precisaria ser feito, em cada horário. Todos portanto se tornaram seus vigias, perseguindo-a. Ao vigiarem todos a mesma história, poderiam todos auferir a história de todos, perderam assim, a manipulação própria de seus objetos, o seu território, e passaram a contar com a centralidade de Grace para serem o que se tornaram. Vigias. Julgadores. Algozes A rua deixou de ser o encontro de histórias daquilo que se fazia em casa, o território de suas ações, que conjuntamente a possibilidade de contar aquela história para os outros criava uma região que nasce na dobra depois da porta de casa e da possibilidade de contar o que lá acontece, perderam a identidade de contadores e de escutadores. Por isso os cruzamentos são importantes para a forma de uma cidade, para que se criem regiões nascidas na comunicação entre contadores e escutadores.

Sendo assim a experiência considerada trazida do filme, elaboramos e ajustamos o Botão 2 do telescópio para procurarem na Sequência de imagens 2 (Figura 5) os locais em que tivessem esquinas e cruzamentos.

Botão 3: Saídas – Experiência: escapes sem perseguição

Outro exemplo de vigia causado pela centralidade que a história vinda da aglomeração maior provoca, é a existência de um mausoléu no cemitério de Belo Horizonte, onde, mesmo o corpo tendo sido enterrado na quadra onde as pessoas ricas do município estão sob lápides suntuosas, conFigurando uma quadra de pessoas a serem lembradas, a este corpo não lhe foi concedido nem o seu próprio nome na lápide rasteira (Roedel, 2017). Tanto depois da morte, pelo fato de ter de esquecer-la (não existe registro nem do enterro), quanto pelo fato que em vida foi caçada pelos procedimentos médicos da aglomeração central que passaram a apontá-lo para a cirurgia, deixou-se de vigia-la, hora como suicida, hora como hermafrodita.

Tal experiência vem ressoante das experiências com as câmeras de vigilância e da incapacidade de contar histórias baseadas em argumentos de fora do trânsito, Botão 1; e também da perseguição dos olhares e julgamentos a partir de um território em que todos se enxergam, Botão 2. No filme Dogville, Grace inclusive empreende uma fuga, mas que é frustrada devido ao lugar conter apenas uma única entrada/saída, que também é vigiada. Dessa maneira, o Botão 3 foi elaborado e ajustado para procurar na Sequência de imagens 2 (Figura 5) aglomerações que tenham o mínimo três entradas/saídas.

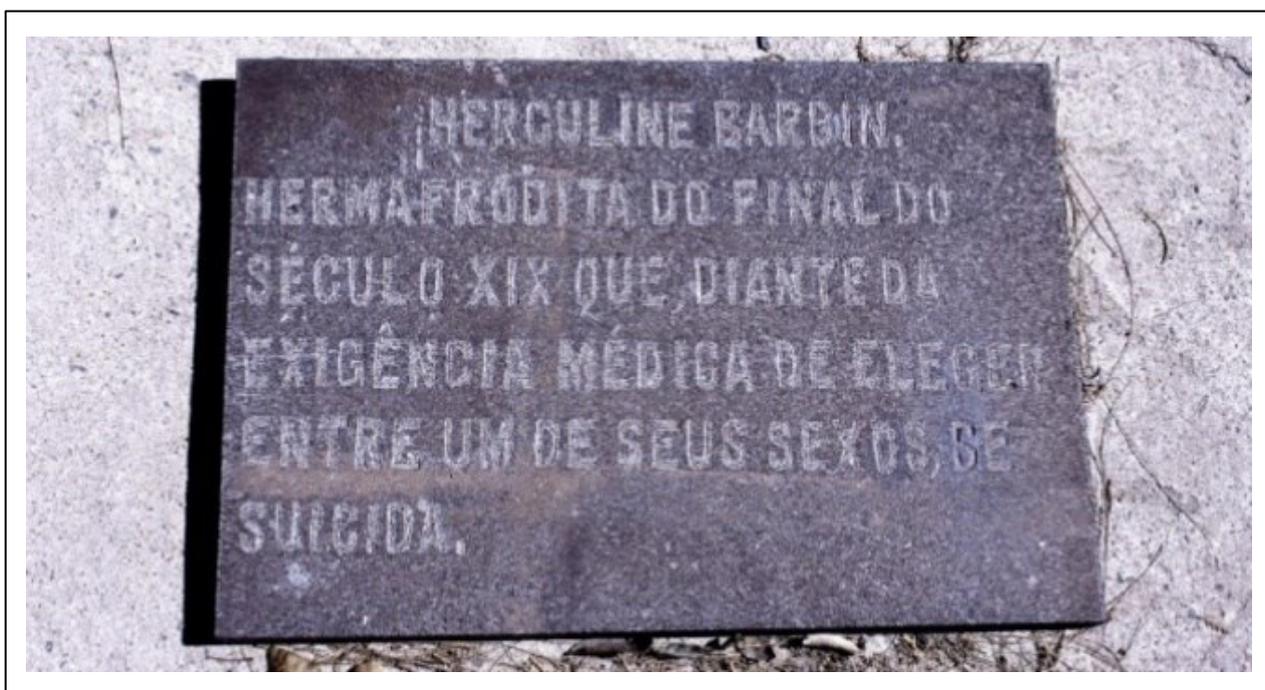


Figura 11. Lápide em mausoléu, Belo Horizonte (MG)

Lápide em Belo Horizonte, onde se lê: "Herculine Barbin, hermafrodita do final do século XIX que diante da exigência médica de eleger entre um de seus sexos, se suicida" (Roedel, 2017)

5. CONCLUSÃO – AS CIDADES ESTELARES

Após apontarmos o telescópio para este espaço na Terra e ajustarmos os botões para a busca de luminosidade, segundo variáveis da experiência, pudemos encontrar esses novos lugares (Figuras 13, 14, 15 e 16).

Luminosidade esta que tanto podem ter sido vista pela lente, como também pode ser entendida, fenomenologicamente, como intencionalidades das consciências locais que puderam, por um período, criarem histórias e estas histórias fazerem parte de sentidos locais, intuitiva e obrigatoriamente.

Lugares estes que muitas vezes apenas ficam as margens de nosso próprio proceder científico, as vezes argumentando que não há nada mais a ser mapeado, as vezes por demais incrustado no estabelecimento de leis e argumentos gerais advindos muitas vezes das histórias centrais, maiores que todas as outras. Nesse sentido que foi interessante nos embasarmos analogamente em um método da Astronomia, ciência esta que tem como essência descobrir entes e as suas características.

Dessas cidades, havíamos visitado, anteriormente a construção do Telescópio Invertido, a LGRR-CTY-1950b, que posteriormente pulsou novamente, LGRR-CTY-1980e. Esta visita como trabalho de campo, como prática andante-conversante (Marandola Jr., 2024), intrigantemente encontrou os mesmos limites que o telescópio encontrou, mas a partir de histórias das pessoas locais, como se tivesse sido um teste às cegas. Tal trabalho de campo resultou na elaboração de um mapa, o Mapa da Baixada, que será apresentado em uma tese (este trabalho faz parte de uma tese em andamento) que é por onde se iniciou a possibilidade de chamarmos alguns mapas de mapas hermenêuticos.

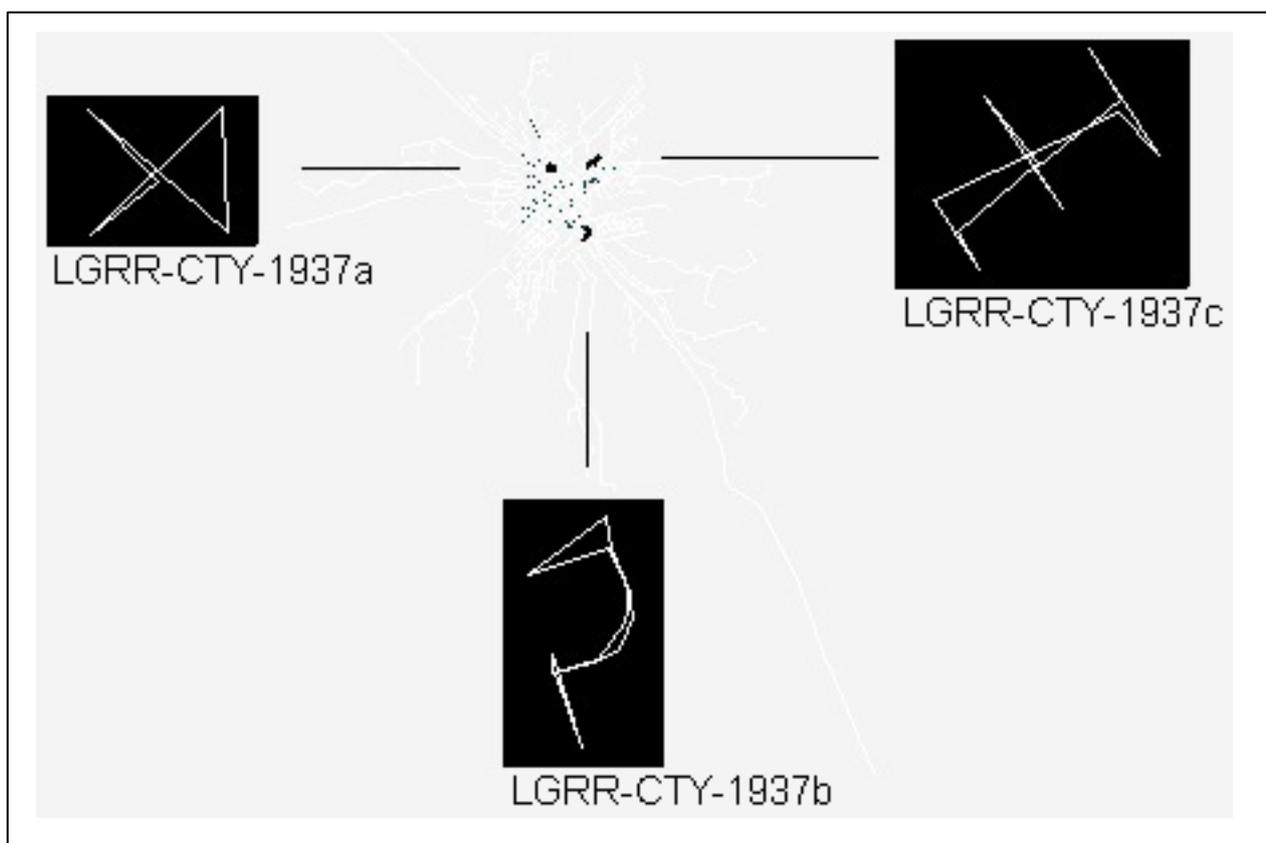


Figura - Cidades estelares em 1937

A nomenclatura advém de, em letras maiúsculas e apenas consoantes, onde foi descoberta a cidade, e o que foi descoberto (em inglês), depois a data que o ente apareceu, e, por fim, em minúsculas, uma seriação para o mesmo ano. Por exemplo, em LGRR-CTY-1937a, lê-se: no LAGERR (Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência) foi encontrada uma cidade (city) de 1937, a primeira da série "a".

Visitamos também, porém online, vendo, portanto, apenas a face visível-fotográfica da paisagem (pelo aplicativo Google Maps), a LGRR-CTY-1970b. Trata-se de um bairro antigo de Limeira. Pudemos constatar algumas alterações, mas uma visita local é necessária.

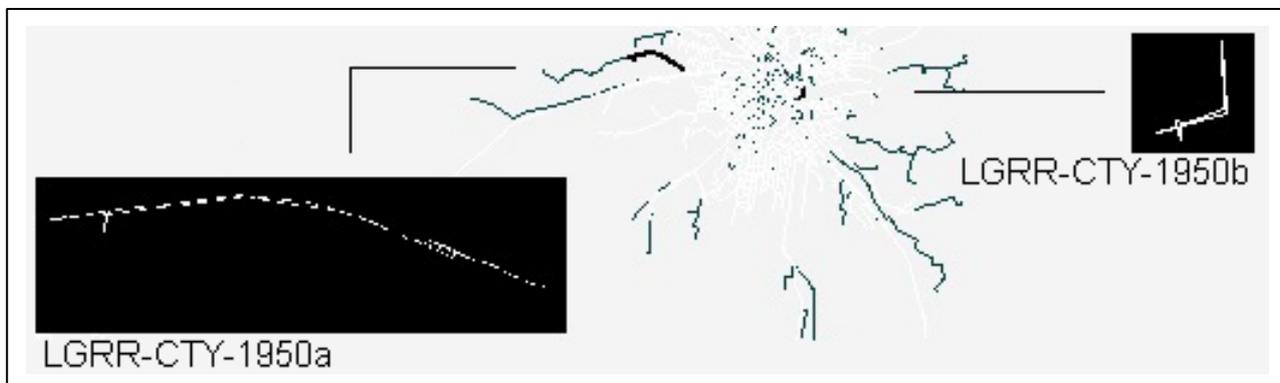


Figura 12 - Cidades estelares em 1950

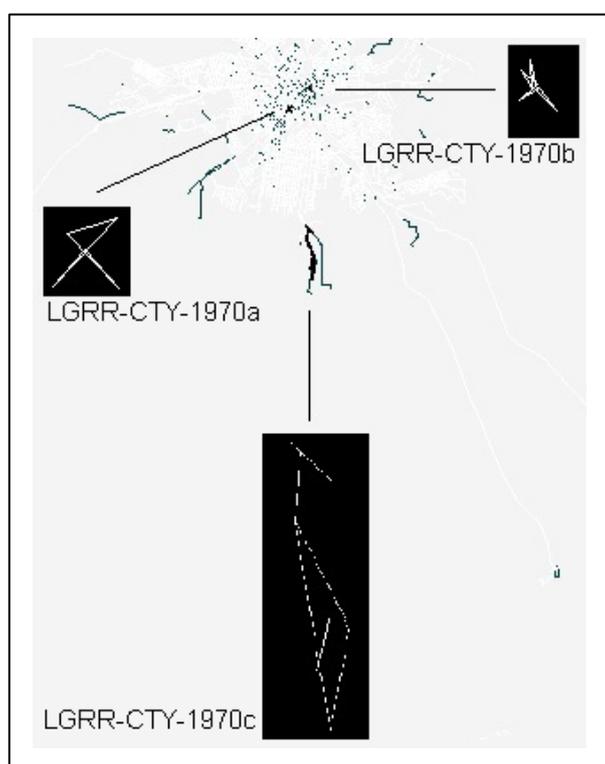


Figura 13 - Cidades estelares em 1970

Já o nosso exemplo de trânsito, além das imagens do mesmo aplicativo, também fizemos trabalho de campo, como descrevemos no item Botão 1. Ali não formou cidade e as histórias e experiências locais mostraram isso. Diferença que novamente chama atenção, é a de se fazer trabalho de campo em um núcleo de cidade estelar e de se fazer no trânsito.

Acreditamos que o método cartográfico do Telescópio Invertido possa contribuir, por exemplo, para selecionar locais para se fazer trabalhos de campo de profundidade e imersão fenomenológica. Podem, sob outras perspectivas, mais gerais, talvez, mostrar onde geografias menores estão sendo gestadas e, sob um olhar democrático, serem tratadas pelo planejamento urbano como locais de estabilidades indenitárias e que isso deveria ser considerado antes de legislar alguma alteração. Porém o trabalho de campo sempre será necessário, já que nem sempre uma cidade estelar revela dobras e nuances dos lugares.

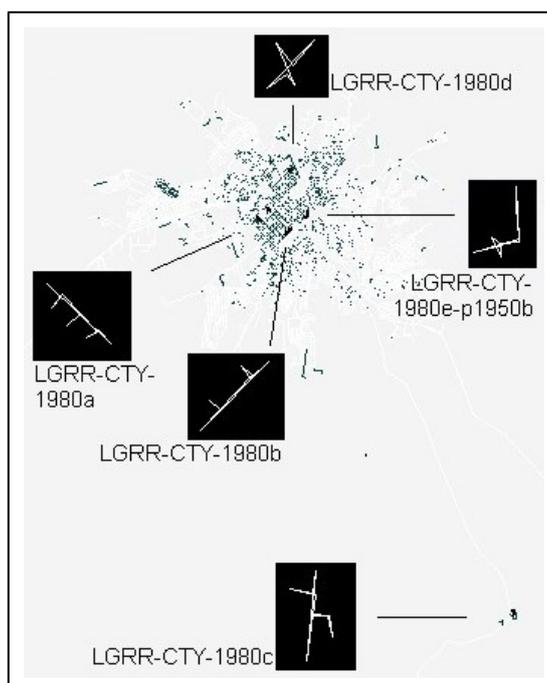


Figura 14 - Cidades estelares em 1980

Por fim, sob um outro olhar, a triangulação que fizemos entre fenomenologia, cartografia e Astronomia que resultou nos mapas de cidades estelares, há um diálogo que se abre com a experiência artística de Gadamer (2015), no sentido de que, se a primeira mirada fosse para o resultado, estes mapas das Figuras 13 a 16, poderiam eles gestar, no próprio intérprete dos mapas, a apresentação de um sentido para o espaço em que se vive (ao contrário da mera representação), com um tempo próprio marcado pelo distanciamento de si mesmo com o objeto que ele nomeia de cidade, e mesmo, de perceber como é fenômeno que as palavras encontrem as coisas? Poderiam começar um jogo ao se perguntar “onde eu moro?” ou “posso nomear onde moro?”. Talvez. Que ponto de vista tem o meu olhar sobre as coisas, o meu, de minha experiência, ou adquiri ele da história central? Não sabemos.

REFERÊNCIAS

A Redenção de Cam. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024.

CARIOCA era um rio. Direção: Simplício Neto. Produção: Raphael Mesquita, Poliana Paiva e Carolina Amaral. Produtora: Jurubeba Produções Artísticas Ltda. Local (74 min). Rio de Janeiro, 2012.

FUKUI, Akihiko *et al.*... Ground-based transit observation of the habitable-zone super-Earth K2-3d. **The Astronomical Journal**, 152:171, 2016.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Revisão da tradução por Enio Paulo Giachini. 15ª edição. 5ª reimpressão [2021]. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

GAULIER, Patricia Laure. Ocupação pré-histórica Guarani no município de Porto Alegre RS: considerações preliminares e primeira datação do sítio arqueológico [RS-71-C] da Ilha Francisco Manoel. **Revista de Arqueologia**, v. 14, n. 1, p. 57-73, 30 dez. 2002.

HEFLINGER JÚNIOR, José E. **Um pouco da história de Limeira**. Limeira: Unigráfica, 2016.

HEFLINGER JÚNIOR, José E. **Um pouco da história de Limeira** – volume 2. Limeira: Unigráfica, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de floresta**. Lisboa: Instituto Gulbenkian, 2012.

HUSSERL, Edmund. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura. Tradução Márcio Suzuki. Coleção Subjetividade Contemporânea. 8ª reimpressão (2020). Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas e Conferências de Paris**: de acordo com o texto de Husserliana I. Tradução de Pedro M. S. Alves. Editado por Stephan Strasser. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

LIMA, Jamille da S. O sentido geográfico da identidade: metafenomenologia da alteridade Payayá. 2019. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução: Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARANDOLA JR., Eduardo. Uma ontologia geográfica dos riscos: duas escalas três dimensões. **Geografia**, v. 29, n. 3, p. 315-338, 2004.

MARANDOLA JR., Eduardo. Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Ensinar-aprender fenomenologia**: trilhas de um pensar e de um fazer pela experiência. Teresina: Cancioneiro, 2024.

MARANDOLA JR., Eduardo; PAGGIARO, Hugo T. Indústrias na cidade: distribuição e implicações ambientais para a vulnerabilidade. Anais do IV Seminário Nacional População, Espaço e Ambiente. Campinas: Galoá, 2017.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografias menores. **Pro-Posições**, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. Vídeos, resistência e geografias menores: linguagens e maneiras diferentes de resistir. **Terra Livre**, Ano 26, v.1, n. 34. p. 161-176, 2010.

OLIVEIRA, Livia de. Que é Geografia. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 11, n. 21 e 22, p. 89-95, jan/dez. 1999.

PARELLADA, Cláudia Inês. Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos da cidade colonial espanhola de Villa Rica Del Espiritu Santo/Fênix (PR). **Revista de Arqueologia**, v. 11, n. 1, p. 135-141, 30 dez. 1998.

PINTURA de Gênero. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo912/pintura-de-genero>. Acesso em: 12 de maio de 2024. Verbetes da Enciclopédia.

POTENTIALLY habitable super-Earth K2-3d observed transiting parent star. *Astronomy Now*. 2016. Disponível: <https://astronomynow.com/2016/11/28/potentially-habitable-super-earth-k2-3d-observed-transiting-parent-star/>. Acesso em 03/08/2020.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. Vila-floresta-cidade: território e territorialidades no espaço fílmico. 2009. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

REALISMO nas artes visuais. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024.

ROEDEL, Luísa de Assis. O Silêncio do corpo: intersexualidade invisibilizada no cemitério do Bonfim. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 2, p. 71-85, 21 dez. 2017.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. 3ed. São Paulo. Edições Loyola. 2012.

WELLS, Jeremy. Aspectos teóricos e aplicados da integração da fenomenologia à prática da conservação do patrimônio. **Geograficidade**, v. 6, n. 1, p. 4-17, 2016.

Recebido: 09/03/2024

Aceito: 20/05/2024